

APRESENTAÇÃO

Ao apresentarmos o dossiê “Literatura para crianças e jovens: perspectivas teóricas e práticas”, da *Revista E-scrita*, número 2 de 2021, é preciso lembrar o momento conturbado que atravessamos: uma pandemia em curso, que ameaça com novas variantes; uma vacina que chega com dificuldade aos braços de brasileiras e brasileiros; uma CPI desvelando estratégias políticas nem sempre transparentes. Em meio a esse cenário, a publicação de um número de revista *online*, com acesso democraticamente constituído, pode ser considerado um ato de resistência pelo ensino, pela pesquisa, pela literatura, que está na base da formação crítica do sujeito.

Desde o início, ainda na chamada, a proposta deste dossiê foi refletir sobre a literatura potencialmente direcionada a crianças e jovens, considerando que essa ação permite alargar o olhar para diversas questões. Partindo da produção para esse público, há uma gama variada de obras de qualidade artística produzidas, o que abrange os textos verbais, as ilustrações, a produção gráfica, a hipermidiática, os suportes. Os textos, por sua vez, perspectivam diferentes gêneros literários, também variadas linguagens, bem como temas que permitem focalizar questões identitárias e diversidade, temas fraturantes ou tabus etc. Pensar a circulação dessas obras implica refletir sobre o mercado editorial, as propostas governamentais, as mediações na formação de leitores literários e de práticas leitoras, o papel da escola e de outros fóruns por onde circula a literatura infantil/juvenil. Assim, este dossiê abriga um conjunto relativamente sortido de abordagens temáticas, como veremos.

No primeiro artigo, intitulado “Ensino de literatura: diálogo entre *best-seller* e *cânone* na sala de aula”, Luzimar Silva de Lima e Diógenes Buenos Aires de Carvalho apresentam uma rica reflexão acerca do ensino de literatura, destacando a necessidade de compreensão e respeito à subjetividade do leitor. Os autores ainda propõem uma sequência didática, que mostra a relação dialógica entre o romance “A cinco passos de você”, de Rachael Lippincott, e o conto “Amor”, de Clarice Lispector, como uma progressão literária natural e possível.

Já a materialidade do livro é destacada em “Quem quer brincar comigo? Inquieta pergunta que mobiliza à leitura”, de Maria Laura Pozzobon Spengler e Eliane Santana Dias Debus, que analisam o livro-objeto *Quem quer brincar comigo?*, escrito por Tino Freitas e ilustrado por Ivan Zig. Destaca-se a materialidade, pois, no livro em tela, ela amplia as

possibilidades de leitura à medida que as páginas se expandem, permitindo uma experiência de leitura inusitada para leitores de diferentes faixas etárias.

Obra igualmente disponível à leitura de crianças e adultos é foco de investigação no artigo “A autoafirmação da identidade negra pelo viés da ancestralidade africana em *O pequeno príncipe preto*, de Rodrigo França”, de Leomar Alves de Sousa. O texto apresenta uma reflexão sobre a ancestralidade africana como elemento constituinte da identidade negra. Para o autor, obras como essa contribuem para fomentar o debate sobre relações étnico-raciais e combater o racismo estrutural ainda presente na sociedade.

A representação da mulher é explorada no artigo de Valdinei José Arboleya, “Uma cidade banida e seus jogos vorazes: protagonismo feminino em sagas juvenis distópicas e formação do leitor literário”. Analisando as protagonistas dos romances contemporâneos *Cidade Banida*, de Ricardo Ragazzo, e *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins, Arboleya explora o redimensionamento do sentido de ser mulher, que parece ir ao encontro do leitor juvenil contemporâneo, preocupado com os movimentos de valorização feminina da atualidade.

Abordando também o protagonismo feminino, além da relação tecida entre palavra e ilustração, há o artigo de Patricia Aparecida Beraldo Romano e Juliana Pádua Silva Medeiros, intitulado “Urdidura literária: uma análise do livro *A moça tecelã*”, narrativa de Marina Colasanti, com desenhos de Demóstenes Vargas e bordados das Irmãs Dumont. As autoras refletem, sob um viés teórico que resgata o dialogismo bakhtiniano, acerca de estratégias narrativas contemporâneas, para as quais contribui a interação entre as linguagens visuais e verbais.

Já em “A árvore, de Bartolomeu Campos de Queirós: uma experiência afetiva e multissensorial para todas as idades”, de Ana Paula Oliveira Macri Rodrigues e Tania Maria Nunes de Lima Camara, mediante uma análise semântico-estilística e um entendimento que considera a relevância da afetividade – não somente na parte linguística, mas também na formação de leitores –, configura-se como um estudo primordial. Isso porque as autoras o fazem de forma minuciosa e em diálogo coadunado entre as abordagens estilística e literária.

Voltado para a formação do leitor, “*O circo maravilhoso da serpente vermelha*: proposta intersemiótica para o letramento visual e verbal do público infanto-juvenil”, de Wanessa Rayza Loyo da Fonseca Marinho Vanderlei, explora o diálogo entre artes plásticas e literatura na obra de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada. A autora defende a ideia de que a

imagem, na análise intersemiótica da obra, não se restringe a uma mera função de apêndice explicativo ou colaborativo do texto primordial, contradizendo, segundo ela, uma longa tradição editorial de livros para o público infantojuvenil.

Também preocupada com o letramento da criança, no artigo “O álbum ilustrado: abordagens teóricas para a definição do gênero textual e propostas para o ensino da língua”, Carla Teixeira considera o álbum ilustrado como um objeto fundamental. A partir da descrição e da análise semiótica de *Eu nunca na vida comerei tomate*, escrito por Lauren Child, a autora propõe duas atividades pedagógicas para trabalhar a leitura e a escrita.

A relação cada vez mais intrínseca e propiciadora de variados níveis de leitura entre a palavra e a imagem também é alvo de interesse para Gisele de Assis Carvalho Cabral, no artigo “Livro de imagem: possibilidades de leitura em diferentes contextos”. A autora coloca em destaque a obra de um dos maiores expoentes da ilustração no Brasil: Rui de Oliveira. Apoiando-se na noção de dialogismo trazida pela Filosofia da Linguagem, compara-se, no trabalho, o processo de criação da obra *O vento* como descrito pelo autor e a possível compreensão realizada sem o conhecimento dessa trajetória.

Alguns artigos centram-se na leitura crítica de textos literários. “Para além dos muros do mundo: mito e passagem em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, de C. S. Lewis”, Valter Henrique de Castro Fritsch analisa o romance por uma perspectiva simbólica, focando nos ritos de passagem. Para tal, segue uma interessante abordagem comparativa com elementos mitológicos que destaca do texto analisado.

No artigo “Contos *Luciana e Minsk*, de Graciliano Ramos: tessituras de uma literatura para todas as infâncias”, Lilliân Alves Borges, além de evidenciar diferentes suportes e materialidades que os contos citados tiveram ao longo do tempo até chegar ao livro ilustrado, igualmente focaliza a qualidade das narrativas escritas por Graciliano Ramos que são destinadas às crianças, além de comprovar a preocupação do autor em trazer temáticas relevantes para seus textos literários, como os sujeitos excluídos de nossa sociedade. Como no artigo acima citado, a ênfase recai nos aspectos estéticos e na faixa etária a que se destina a obra.

Em “Mapeamento estético da interação com o texto juvenil *crossover O copo d’água*, de João Anzanello Carrascoza”, Cristina Rothier Duarte efetiva um mapeamento estético da interação entre o leitor adulto e o conto de Carrascoza, considerando a experiência estética

como capaz de ampliar o conhecimento cognitivo e afetivo do leitor. Articulando a teoria do efeito estético e a histórico-cultural com o fenômeno *crossover*, a autora perfaz itinerários teóricos na análise crítica ao texto literário juvenil escolhido.

Com seu artigo, “Literatura juvenil e/ou literatura *youngadult*: duas faces da mesma moeda?”, Daniela Maria Segabinazi e Severino Rodrigues contribuem de forma positiva para as pesquisas da literatura juvenil e *youngadult* brasileira contemporânea. Há poucas referências nessa área, sobretudo com o enfoque tratado, que se apoia em autores como Pedro Navas, Teresa Colomer, Regina Zilberman, Luís Ceccantini, entre outros – o que torna o artigo ainda mais relevante. Os autores ainda inovaram ao entrevistar autores e editores dos referidos gêneros.

No artigo “Lampião & Lancelote, de Fernando Vilela: uma experiência intermidial e interartística para leitores infanto-juvenis”, de Maria Cristina Cardoso Ribas e Rosana da Silva Malafaia, aborda-se a importância do processo de criação da criança e do jovem e o contato com múltiplos saberes proporcionados pelas narrativas. Sendo assim, o artigo propõe um resgate dessa experiência por meio da obra que intitula o texto e que tem como base a literatura de cordel. Vale ainda ressaltar que as autoras utilizam um embasamento teórico que depreende a leitura sob uma ótica transcultural da narrativa e a abordagem intermidial e interartística.

Edgar Roberto Kirchof traça um panorama interessante sobre obras literárias infantojuvenis adaptadas para o meio digital em seu artigo “Literatura infantojuvenil digital e imersão: obras com recursos de realidade virtual (RV) e de realidade aumentada (RA)”. O autor faz uma análise relevante no campo de pesquisa das mídias digitais ao apresentar, de forma detalhada, as tecnologias que viabilizam a imersão literária.

Um novo olhar é lançado sobre a obra machadiana em “Reendereço do texto literário: uma análise de contos clássicos de Machado de Assis ilustrados”, sob a autoria de Vivian Bezerra da Silva. Tendo como referência a investigação dos contos que integram a *Coleção Machado de Assis Ilustrado*, busca-se ponderar sobre os novos sentidos ocasionados pelas narrativas, em decorrência do reendereço ao público infantojuvenil e ao projeto gráfico. Desse modo, corrobora-se que a literatura machadiana é acessível a leitores de faixas etárias distintas.

Finalizando, o cuidado com a diversidade está presente em “Crônicas de São Paulo: olhar(es) para a literatura juvenil indígena brasileira premiada pela FNLIJ”, artigo no qual as autoras Andréia de Oliveira Alencar Iguma e Renata Junqueira de Souza, apoiando-se em estudos como os de Linda Hutcheon, Edgar Morin, Paul Zumthor, Regina Dalcastagnè, entre outros, trazem uma importante contribuição à pesquisa da literatura indígena brasileira ao analisar o referido livro, do escritor indígena Daniel Munduruku, único livro indígena com premiação literária.

Assim, a publicação deste dossiê espera contribuir para as pesquisas no âmbito teórico e prático que envolve a Literatura Infantil/Juvenil.

Boa leitura!

Anabel Medeiros Azerêdo de Paula¹

Beatriz dos Santos Feres²

Flávia Côrtes³

Gisele Eckhardt⁴

Regina Michelli⁵

¹Doutora em Estudos da Linguagem (UFF). E-mail: anabel.azeredo@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5784-5731>.

² Doutora em Estudos da Linguagem (UFF). Professora Associada de Língua Portuguesa no Instituto de Letras da UFF e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFF. E-mail: beatrizferes@id.uff.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5854-2898>.

³ Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura comparada pela UERJ. E-mail: cortesflavia@yahoo.com.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9680-1475>

⁴ Doutoranda em Estudos de Linguagem pela UFF. E-mail: giseleekhardt@hotmail.com . Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3019-0864>

⁵ Doutora em Letras Vernáculas/Literatura Portuguesa. Professora Associada da UERJ. Bolsista PROCiência (UERJ/ FAPERJ). E-mail: r.michelli@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5586-0468>.